

## **CULTURA VISUAL, GÊNERO, EDUCAÇÃO E ARTE**

### **Sexualidade(s) e gênero(s) em artefatos culturais para a infância: práticas discursivas e construção de identidades**

XAVIER FILHA, Constantina – UFMS – tinaxav@terra.com.br

## **1 INÍCIO DE CONVERSA**

As pedagogias culturais instigam-nos a pensar sobre o que está sendo produzido para a infância na atualidade e de como as crianças se apropriam de tais produtos mediante discursos e constituição de identidades. Os artefatos culturais produzem significados, ensinam determinadas condutas aos meninos e meninas e instituem a forma adequada e “normal” para a vivência da sexualidade e da feminilidade/masculinidade. Giroux e McLaren (1995) ressaltam que há pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento seja produzido. Desta forma, os vários contextos educacionais presentes na sociedade, como cinema, mídia, revistas, brinquedos, entre outros, expressam e fazem circular discursos que produzem determinadas subjetividades. Felipe (1999) reforça esta idéia ao afirmar que brinquedos, bonecas, jogos diversos, programas de televisão estão a nos dizer uma série de coisas, indicando-nos modos de ser e sentir, constituindo-nos como sujeitos.

O presente texto tem por objetivo analisar alguns desses artefatos culturais, tendo como fundamentação teórica os estudos de Gênero, alguns pressupostos dos Estudos Culturais e de estudos foucaultianos. Para isso, utilizar-se-ão relatos de experiência e alguns dados de pesquisa em andamento, que tem como fontes projetos, relatórios de pesquisas e depoimentos de acadêmicos/as de curso de Pedagogia, habilitação para Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental. Estas fontes foram produzidas no âmbito de disciplinas<sup>1</sup> ministradas de 2006 a 2008, em articulação entre ensino e pesquisa na capacitação inicial, objetivando a prática da investigação para coletar dados da cultura da infância.

O artigo divide-se em duas partes. A primeira, destina-se à apresentação de dados coletados, mediante observações, em algumas instituições que comercializam produtos para o público infantil (lojas de roupas e de brinquedos, bancas de revistas),

---

<sup>1</sup> Disciplinas: “Infância, Sociedade e Cultura I” e Prática de Ensino (Curso de Pedagogia, habilitação em Educação Infantil); “Didática e Tecnologias Educacionais II” (Curso de Pedagogia, habilitação para os primeiros anos do Ensino Fundamental), sob minha coordenação, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus Campo Grande/MS.

com o propósito de verificar o que especificamente havia de disponível para esse público. Dois artefatos ganharam destaque: os brinquedos e a revista *Atrevidinha*. Na segunda parte do texto se analisarão alguns dados das pesquisas na observação de instituições educativas para evidenciar como as temáticas do gênero e da sexualidade são vividas no cotidiano das crianças. Nesta etapa, também procuramos entender como as crianças consomem e produzem práticas discursivas na apropriação de artefatos culturais.

## **2 ARTEFATOS CULTURAIS E PRODUÇÃO DE IDENTIDADES NA INFÂNCIA**

Leni Dornelles, no livro “Infâncias que nos escapam” (2005), instiga-nos a pensar, tal como fizeram outros/as da infância (ÁRIES, 1981; KULMANN JR. e FERNANDES, 2004; GÉLIS, 1993; GONDRA, 2002), que o sentimento de infância que hoje temos foi construído no decorrer dos últimos séculos. A autora analisa a infância como produto de uma trama histórica e social. O adulto, que com ela convive, procura capturar-lhe mediante saberes e poderes para, por meio destes mesmos recursos, exercer sobre ela seu poder de gerenciamento.

Dornelles, porém, assegura que seu propósito principal é descobrir como as crianças historicamente vêm escapando a esse controle dos adultos. Estes enunciados levam-nos a desconstruir a visão de uma infância única, natural, essencializada, idealizada, ingênua, dependente e atemporal, ainda encontrada em discursos contemporâneos. A idéia da ingenuidade infantil, outra representação fortemente organizada, já fora analisada por Áries (1981); o autor observa algumas urgências históricas que construíram a imagem da criança como inocente e por isso deveria ser afastadas do “mundo adulto”.

Leni Dornelles interpela-nos a abandonar a segurança das nossas verdades em relação à infância que se está constituindo no momento histórico em que vivemos. Historicamente, a criança, como ser biológico, sem status próprio, passa a ter visibilidade ao ganhar condição diferente do adulto, passa a ser alguém necessitado de cuidado e proteção, especialmente de certos conhecimentos acerca do sexo. Esses saberes-poderes, que tomam a criança objeto, é que produziram um sujeito universal, um sujeito-aprendiz.

E, à medida que a criança passa a ser produzida como um ser frágil e carente de cuidados, ela adquire o status de infantil. É como um ser dependente, incapaz de governar-se por si mesma, de controlar-se, que a infância emerge como objeto de saberes específicos, como objeto de conhecimentos necessários à sua gestão e governo. E, também por ser a infância povoada de seres muitas vezes ‘impossíveis’ e ‘rebeldes’, precisa ser governada porque resiste (DORNELLES, 2005, p. 15-16).

A autora analisa que essas formas de governo dos infantis mediante uma “invenção” da infância implica a produção de saberes e ‘verdades’ cuja finalidade é descrever a criança, classificá-la, compará-la, diferenciá-la, hierarquizá-la, excluí-la, homogeneizá-la, segundo novas regras ou normas disciplinares.

Para desvendar, primeiro, que infância é essa, e, depois, como ela escapa aos discursos que tentam homogeneizá-la, como ela se constitui identitariamente mediante inúmeros artefatos culturais que indicam formas idealizadas de masculinidade e feminilidade, em disciplinas do curso de Pedagogia, em articulação entre ensino e pesquisa na capacitação inicial, propusemos uma pesquisa para coletar dados a respeito da cultura da infância. As discussões se pautaram sobre temas como gênero, sexualidade, dispositivos históricos; constituição identitárias; cultura, infâncias, artefatos culturais; técnicas de pesquisa para a coleta de dados com crianças, sobre os quais já se houvessem feito aprofundamentos teóricos.

O pressuposto teórico-metodológico adotado nas disciplinas continha ações comuns, que se organizavam nas seguintes estratégias:

- observação dos “artefatos culturais” produzidos para a infância;
- observação do cotidiano de instituições de educação infantil/escolas – observação participante/entrevistas;
- pesquisa “Cultura da Infância”: artefatos culturais em análise;
- elaboração e/ou planejamento de propostas de intervenção – a serem incluídas nas ações de Estágio Supervisionado ou planejadas para possíveis ações educativas com as crianças.

A primeira atividade consistia na pesquisa em *websites*, revistas, e também *in loco* - lojas que comercializam produtos para crianças e bancas de jornais. Nas lojas de brinquedo, por exemplo, o/a acadêmico/a é convidado a observar como os produtos são dispostos nas prateleiras, a conferir as cores predominantes; a coletar dados com vendedores/as das lojas, além de coletar panfletos e, em alguns casos, a fotografar os produtos.

Os dados coletados evidenciam que os brinquedos destinados às crianças expressam nitidamente o gênero a que se destinam. Percebe-se, tal como ressalta Felipe (1999), que há uma nítida distinção entre o que é brinquedo de menino e brinquedo de menina. Tanto nas embalagens, quanto nas imagens de crianças junto aos brinquedos, observa-se um claro direcionamento ao público a que se destina.

A pesquisa tem confirmado as observações de Felipe, isto é, duas categorias distintas para os brinquedos de meninos e meninas. Os destinados aos meninos caracterizam-se geralmente pela menção ao esporte, priorizando atividades que exijam raciocínio, atenção, movimentos amplos, força física, competitividade e agressividade. Os das meninas caracterizam-se pelo “apelo à domesticidade, à maternagem e ao cultivo da beleza. Em especial, o apego ao mundo doméstico e o incentivo à maternidade estão intimamente imbricados” (FELIPE, 1999, p.3). Os brinquedos direcionados ao público feminino não expressam, em geral, apenas o divertimento, mas incentivam as meninas desde muito cedo à vivência do mundo doméstico. Há ainda outros que enfatizam, tal como expressa o referido autor, determinado padrão estético e culto à juventude. As bonecas são jovens, magras, na grande maioria, de pele branca e com alto padrão de consumo.

As características dos brinquedos para meninos e meninas são significativas para refletir sobre a produção de discursos hegemônicos de feminilidade e masculinidade para as crianças dos dias atuais. Há uma referência clara a uma feminilidade que se apresenta sob dois modelos: a da mulher mãe e cuidadora (seja dos bebês e/ou da casa), e a da mulher sedutora, com indicativos de um determinado padrão estético. Para os homens, há a produção de uma masculinidade ligada à diversão, ao “mundo público” e, especialmente, à impossibilidade de “paternagem” e cuidado com o outro. A forma de expressão da afetividade para o público masculino é baseada em atitudes ríspidas, como competitividade, agressividade expressa por inúmeras formas de luta e batalha. É interessante ressaltar que, apesar das várias mudanças sociais das últimas décadas, que imprimiram novas possibilidades ao ser homem e ao ser mulher, ainda há artefatos que imprimem fortemente o que se pensa como feminilidade ou masculinidade “normal” e, portanto, hegemônica. De acordo com Felipe (1999), apesar dos avanços tecnológicos, que principalmente a partir da década de 50 possibilitaram um incremento na indústria de brinquedos, os voltados às meninas parecem não refletir estas mudanças.

Além dos brinquedos para o público infantil, demarcadamente direcionados aos gêneros masculino ou feminino, outro artefato cultural analisado em sala de aula foi a revista feminina *Atrevidinha*, que destacamos a seguir.

## 2.1 REVISTA FEMININA PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL

Em pesquisa<sup>2</sup> realizada anteriormente, tomamos como objetivo de estudo, além dos discursos de mulheres-professoras, duas revistas brasileiras para o público feminino adulto: as revistas *Capricho* e *Cláudia*. O período histórico compreendia as décadas de 1950 a 1980. Os discursos propagados, veiculados e produzidos por esses artefatos culturais traziam claramente dois discursos referentes à sexualidade feminina, que se constituíam como práticas divisoras: a “mulher frígida” e a hiper-sexualizada. O ideal de feminilidade também era amplamente divulgado nas várias sessões das revistas, certamente com vistas à construção de um feminino hegemônico e universal a que se atribuíam ao gênero feminino características de ternura, afetividade, graciosidade, beleza, entre outros atributos.

Na coleta de dados sobre artefatos culturais produzidos para a infância na atualidade, deparamo-nos com uma publicação específica para o público feminino infantil e pré-adolescente. Esta revista, nos dias atuais, traz semelhanças com aquelas analisadas nas décadas de 50 a 80 do século passado, apesar das diferenças quanto ao público-alvo. Algumas dessas semelhanças foram destacadas nas disciplinas dos cursos de Pedagogia, visando a entender como esse artefato cultural pretende veicular a idéia de uma feminilidade universalizada e essencializada. Vejamos alguns desses aspectos com dados da revista.

---

<sup>2</sup> XAVIER FILHA, Constantina. *Discursos da intimidade: Imprensa feminina e narrativas de mulheres-professoras brasileiras e portuguesas na segunda metade do século XX*. São Paulo: FEUSP, 2005. [Tese de doutorado]; XAVIER FILHA, Constantina. Construindo identidade(s) sexual e de gênero: artefatos culturais em análise. In *Anais do II Simpósio Científico Cultural*. Paranaíba, MS, 2006; XAVIER FILHA, Constantina. XAVIER FILHA, Constantina. A sexualidade feminina entre práticas divisoras: da mulher “bela adormecida” sexualmente à multiorgástica – imprensa feminina e discursos de professoras. Caxambu, *Anais ANPED*, 2007; XAVIER FILHA, Constantina. “Qual dessas moças é você?” O autoconhecimento produzido pelos testes da imprensa feminina. *Educação em Revista*, n. 46, dez., 2007.

A revista feminina “*Atrevidinha*”<sup>3</sup>, destinada ao público feminino infanto-juvenil, traz como subtítulo: “a revista da pré-adolescente”. É uma publicação mensal. As capas trazem meninas com idades médias de dez anos; em sua maioria, dirigem-se ao público leitor expressando assertividade e sensualidade. A de 16 de agosto de 2005, a título de análise, traz uma menina como modelo. Seu rosto está maquiado; usa blusa que revela certa sensualidade e “pose” (muito semelhante à das modelos que aparecem nas capas da revista de mesmo nome dirigida ao público adolescente, ou até mesmo às de outras revistas femininas para o público adulto da atualidade). Dentre as várias seções, nesta edição o que chama a atenção é a seção “*Make da Moda*”, que apresenta as vencedoras do concurso de capa, com os seguintes dizeres:

As finalistas do concurso “Seja Capa da *Atrevidinha*” ganharam um prêmio especial: uma aula particular com o supermaquiador Kaká Moraes, que mudou o visual das garotas com os produtos de [nome da marca]. Ele ensinou as meninas a se produzirem com o look da moda. Quer aprender alguns truques? Aproveite! (p. 36).

Outro destaque necessário é o encarte de testes que acompanha as revistas. Dois dos testes parecem elucidativos da construção atual da feminilidade hegemônica. O primeiro, denominado “Qual é o seu estilo?”, e o segundo, “Essa paquera tem futuro?”, serão analisados a seguir.

O primeiro teste traz como subtítulo a indicação de como a leitora deve proceder: “Responda às questões abaixo e veja qual é a moda que faz a sua cabeça”. O teste é composto por seis perguntas: 1. quando olha uma vitrine, que detalhes costuma chamar a sua atenção?; 2. o que você mais gosta de comprar?; 3. como costuma cuidar dos cabelos?; 4. antes de comprar uma roupa nova, o que você leva em conta?; 5. qual é o seu passatempo preferido?; e, finalmente, 6. que elogio você mais gosta de ouvir?

---

<sup>3</sup> A Revista *Atrevidinha* é publicada mensalmente pela editora Escala. Já foi publicada pela editora Símbolo, que se intitulou, em 2005, a segunda maior em publicação de títulos femininos no Brasil, segundo dados contidos no site da editora nesse período. A revista *Atrevidinha* iniciou-se na editora Símbolo em maio de 2004 e tem semelhança com outra revista de mesmo nome destinada ao público feminino adolescente, “*Atrevida*” (criada em 1994). Segundo o site da editora Símbolo, a revista “*Atrevidinha* é feita sob medida para a leitora pré-adolescente. Cabe direitinho na mochila e tem tudo o que ela quer ler e ver: quadrinhos, testes, moda, beleza, jogos, horóscopo, ídolos e muito mais coisas legais para ela se divertir e se informar. A pré-adolescente se sente importante e valorizada com as matérias pensadas e apresentadas para sua idade”. O público-alvo descrito é o de “Mulheres de classes A/B com faixa etária de 8 aos 12 anos”, que têm como “Perfil psicográfico [sic]: Esta garota já tem seus próprios desejos de consumo (roupas, perfumes, batons, bijuterias, revistas em quadrinhos), mas depende da mãe para satisfazê-los. Ela valoriza demais o grupo de amigas e ainda não namora, mas já começa a dividir os garotos entre ‘bonitos’ e ‘feios’. Na escola começam a brincadeira do tipo ‘quem gosta de quem’. Curte desenhos animados (bob esponja, meninas superpoderosas), mangás, bichinhos de pelúcia, papéis de carta, adesivos, canetinhas...” [informações retiradas do site em 28/set./2005 – [www.simbolo.com.br](http://www.simbolo.com.br)]

Nas respostas indicadas, há três tipos de “feminilidade hegemônica” descritos: as “patricinhas”, as “românticas” e as “básicas”. As consideradas “patricinhas” são ligadas à aparência e gostam de estar sempre impecáveis. São consumistas e ligadas às tendências da moda. As “românticas” não são tão ligadas à aparência; no entanto, não conseguem sair de casa com a primeira roupa que vêem pela frente. “Não liga para a moda, mas gosta do visual romântico e é muito feminina”, ressalta a revista; estas meninas, no entanto, também adoram ir às compras. Para as “básicas”, por sua vez, a inteligência é um valor mais importante do que a aparência. Estas meninas não abrem mão do conforto e não fazem a menor questão de impressionar, ressalta o resultado do teste.

O teste “Essa paquera tem futuro?” traz como incentivo o seguinte enunciado: “saiba se vale a pena apostar num romance com aquele gatinho que vive de olho em você”. O teste é composto de oito questões:

1. Em que situações ele costuma puxar papo com você?
2. Sobre que assuntos vocês conversam?
3. Todo fim de semana é a mesma coisa. As amigas combinam um passeio e você é sempre a primeira a confirmar a presença. E ele?
4. Quando ele a convida para um encontro, que lugares escolhe?
5. Suas amigas torcem por ele?
6. Quando conversam a sós, como ele se comporta?
7. Se você fala de um garoto, como ele reage?
8. Você é supervaidosa e adora comprar uma roupinha nova. Quando aparece toda produzida, como ele se comporta?

O referido teste apresenta as indicações das respostas com suas respectivas pontuações. Há, no entanto, duas possibilidades destacadas; a de menos pontos traz como indicativo “Pise no freio”, “Cuidado para não apostar todas as fichas nesse garoto. Aproveite para conhecê-lo melhor antes de se declarar. Pelas pistas que ele dá, tudo indica que ainda não sabe o que quer. Dê tempo ao tempo e observe como ele se comporta”. Para as leitoras que atingirem maiores pontuações, “Aceleera!” diz a revista. “Pelo jeito, o gatinho está mesmo a fim de conhecê-la melhor e de passar bons momentos ao seu lado. Vá com calma e pergunte a si mesma se está realmente preparada para *viver um romance*. *O primeiro amor pode estar mais próximo do que você imagina!*” (grifos nossos).

Estes exemplos, retirados de uma revista para o público pré-adolescente, elucidam o modo como se produzem discursos na nossa sociedade acerca da feminilidade e masculinidade e, conseqüentemente, das identidades de gênero e identidades sexuais nos dias atuais. Tais discursos produzem “tipos” de feminilidade e



masculinidade que atingem crianças pequenas sobre os modos de ser homem e mulher. As meninas-mulheres, visibilizadas e produzidas pela mídia como exemplos de beleza e sensualidade, passam a ser “modelos” de feminilidade e de vivência da sexualidade para esse gênero, vindo a produzir tipos de subjetividades.

Ao exporem narcisicamente seus corpos, não deixam de produzir ou reproduzir conhecimento, especialmente no que diz respeito à sexualidade. Ao se constituírem como mulheres atraentes, sedutoras, constroem ou veiculam um modelo de feminilidade onde o exercício do poder parece estar restrito apenas ao campo do erotismo e da sedução (FELIPE, 1999, p. 6).

Os artefatos culturais - os brinquedos e a revista aqui descritos - produzem certo tipo de discurso hegemônico do que se considera ideal e modelo de vivência para meninos e meninas. Expressam conceitos de sexualidade e integram uma rede de meios educativos constitutivos das várias pedagogias de sexualidade e gênero, como alertam os estudos de Louro (2000). Deve-se observar, no entanto, que quando a temática é a sexualidade na infância, instala-se um impasse: ao mesmo tempo em que se incentiva a vivência de uma sexualidade “normal”, também há várias instâncias sociais, como a escola, em que se tenta “contê-la”. Louro (2000) analisa esta questão no âmbito escolar. Na escola (ou qualquer outra instância social que pretenda desenvolver uma pedagogia da sexualidade e de gênero, como os artefatos sociais aqui descritos), ocorrem práticas discursivas contraditórias, que consideram as crianças muito “sabidas”, já equipadas com um tipo de saber “perigoso” e, ao mesmo tempo, como seres “inocentes e puros”. Por isso, “redobra-se ou renova-se a vigilância sobre a sexualidade, mas essa vigilância não sufoca a curiosidade e o interesse, conseguindo, apenas, limitar a sua manifestação desembaraçada e sua expressão franca” (LOURO, 2000, p. 79). Ao mesmo tempo em que há uma profusão de discursos que expressam certo tipo de feminilidade e sexualidade hegemônicas, outros tantos pretendem disciplinar corpos propondo certa contenção. Observamos claramente, aqui, os tentáculos do poder, como alerta Michel Foucault (1995). O poder é produtor de vários discursos, pelas várias possibilidades de subjetividade produzidas, mesmo tendo como parâmetro a identidade dita normal, como se viu na referida revista.

A revista *Atrevidinha*, nas edições pesquisadas, leva a pensar como os artefatos culturais produzidos para o público infanto-juvenil produzem certa forma de ser e de conduzir concernentes ao gênero e a sexualidade. A erotização das meninas e um certo “encolhimento” da fase da vivência da infância também remetem ao que algumas autoras, entre elas Walkerdine (1999) e Felipe (2003a, 2003b, 2006) analisam,



especialmente essa última denuncia um outro aspecto imbricado a essa erotização, o fenômeno de “pedofilização” da sociedade.

As autoras analisam como se constroem socialmente discursos ambivalentes sobre a sexualidade da menina. Há os que a consideram assexuada e inocente e os que consideram as “garotinhas como pequenas sedutoras que ‘não são anjos’” (WALKERDINE, 1999, p. 76). Em torno disso, constroem-se discursos e representações que produzem uma continuada negação do tema, e ao mesmo tempo um processo de erotização das garotinhas. Há um emaranhado discursivo que produz subjetividades que definem formas de relação entre adultos e crianças, e dos gêneros entre si. Tais discursos convivem com campanhas de proteção à infância e combate à violência e à pornografia infantil, mas também induzem à erotização das crianças, principalmente das meninas.

Felipe (2006) analisa esta questão a partir de um conceito denominado “pedofilização da sociedade”. Vejamos o que a autora entende por este conceito:

O conceito de pedofilização tem sido por mim utilizado no intuito de pontuar as contradições existentes na sociedade atual, que busca criar leis e sistemas de proteção à infância e adolescência contra a violência/abuso sexual, mas ao mesmo tempo legitima determinadas práticas sociais contemporâneas, seja através da mídia – publicidade, novelas, programas humorísticos -, seja por intermédio de músicas, filmes, etc., onde os corpos infanto-juvenis são acionados de forma extremamente sedutora. São corpos desejáveis que misturam em suas expressões gestos, roupas e falas, modos de ser e de se comportar bastante erotizados. (FELIPE, 2006, p. 216)

De acordo com a autora, neste processo o corpo erotizado das meninas é constantemente colocado em discurso através de diferentes artefatos culturais, algo já evidenciado nas páginas de *Atrevidinha*. Ela assegura que não se trata de avaliar a questão do ponto de vista moral, mas de provocar algumas reflexões acerca das representações de gênero e sexualidade também acionadas por músicas e outros artefatos culturais. Estes discursos afetam a subjetividade de meninas e adultos. As meninas estão cada vez mais precocemente preocupadas com a aparência a partir de padrões de beleza que priorizam a magreza, a juventude, a sensualidade e a branquidade. Estes discursos, evidentemente, afetam a construção da identidade sexual e da de gênero de meninas e meninos. Estes discursos também produzem um encantamento do adulto pela infância. Ao mesmo tempo, produzem um tipo

determinado de infância, especialmente no tocante a uma conduta que se deseja das meninas.

Analisar-se-ão, a seguir, outros artefatos culturais citados pelas crianças, constantes nos relatórios da pesquisa em referência.

### **3 O QUE AS CRIANÇAS CONSOMEM, PRODUZEM E REPRODUZEM: ARTEFATOS CULTURAIS EM ANÁLISE**

A segunda estratégia adotada nas disciplinas dos cursos de Pedagogia correspondia à observação do cotidiano de instituições educativas. As estratégias da observação participante e da coleta de entrevista com educadores/as e familiares foram utilizadas visando a uma aproximação do “universo infantil”, além de observar como as crianças se agrupam, do que brincam, como se organizam espaços educativos relacionados a gênero e, especialmente, como as próprias crianças produzem discursos sobre os artefatos culturais com que interagem e as formas como lidam frente às imposições e normatizações dos adultos. As anotações descritas num “diário de campo” eram trazidas para a sala de aula para serem analisadas a partir da fundamentação teórica priorizada nas disciplinas.

Os dados coletados revelam que há uma nítida divisão entre o universo masculino e o feminino nas instituições educativas. Os banheiros são separados para cada sexo. Os meninos se juntam aos meninos na sala para suas atividades (especialmente na Educação Infantil), ou na hora das refeições. O mesmo vale para as meninas.

Educadores/as desenvolvem práticas sexistas e homofóbicas ao reforçar que meninos devem ter condutas diferenciadas das meninas no ato de brincar, dançar, participar de atividades desportivas. No ano de 2008, observamos que há algumas modificações em relação às práticas de brincadeiras na Educação Infantil das instituições investigadas. Alguns meninos foram observados brincando de boneca com as meninas. No entanto, quando os meninos são perguntados se gostam de brincar de boneca, eles dizem que essa brincadeira deve ser realizada somente por meninas. Uma das hipóteses para se interpretar esta atitude dos meninos é que as mudanças nas brincadeiras estão relacionadas a falta de espaço nas salas das instituições, o que facilita que todos/as brinquem muito próximos. Outra hipótese é que os brinquedos existentes são sucatas ou fragmentos de brinquedos, razão por que são ressignificados no ato de

brincar. Um fato verificado em uma das instituições - em que um menino brincava com boneca - leva a pensar que as mudanças de atitude dos meninos se deve a aspectos objetivos, ora por falta de espaço, ora por falta de brinquedos intactos e em perfeito estado. Numa das instituições investigadas, um menino estava a brincar com uma boneca num canto da sala. A acadêmica aproximou-se para observá-lo e percebeu que ele brincava com a boneca como se fosse um avião de combate e não uma boneca. O que se observa, porém, são meninas brincando de brincadeiras ditas de meninos, como luta e corridas; o contrário ainda não acontece tão freqüente.

A seguir apontaremos dados das pesquisas realizadas por acadêmicos/as, em instituições educativas públicas e privadas, em alguns outros ambientes sociais, como *cybers*, igrejas e o próprio espaço doméstico.

Os projetos de pesquisa<sup>4</sup> ao serem elaborados tinham as crianças como protagonistas de seus discursos e de suas escolhas. As estratégias de pesquisa propunham-se colher oralidade aliada a desenho de criança. A utilização dessas estratégias foi sugerida por Gobbi (2002), que enfatiza que se devem produzir formas diferenciadas de pesquisa com crianças, tornando-as protagonistas dos estudos. Nas pesquisas, por isso, como instrumento metodológico foram utilizados os desenhos em conjugação com a oralidade. As temáticas investigadas ao longo dos três anos de aplicação da metodologia foram as mais diversas, mas com o foco sempre centrado em saber que infância é essa e quais os seus discursos sobre artefatos culturais ou sobre assuntos que lhes dizem respeito. As crianças da pesquisa eram meninos e meninas com idade entre um e dez anos.

Investigaram-se as músicas mais ouvidas pelas crianças; os grupos e gêneros musicais mais apreciados; as brincadeiras e brinquedos prediletos por parte de meninos e meninas; os filmes de animação e personagens mais instigantes; os programas de televisão assistidos; os sites acessados; os jogos eletrônicos; os personagens de contos de fadas. Alguns pais/mães foram entrevistados/as, assim como educadores/as das instituições.

Os dados coletados foram instigantes e permitem chegar próximo de uma infância real, diferente da idealizada pelos adultos. Sinteticamente, alguns aspectos relevantes:

---

<sup>4</sup> Os projetos analisados estão descritos nas referências desse texto.

- As crianças estão constantemente interagindo com artefatos culturais, especialmente os produzidos pelas mídias (informatizadas e de comunicação).
- Assistem aos programas televisivos indicados para o público infantil, mas também aos destinados ao público adulto ou adolescente: novelas, malhação, jornal.
- Os gêneros musicais mais ouvidos referem-se ao sertanejo, *dance*, pagode, *funk* e *gospel*. Notamos que há uma apropriação de músicas para o público adolescente e adulto pelo público infantil. As cantoras mais citadas são Kelly Key (Baba *Baby*, Adoleta; *Barbie Girl*); Latino (Festa no Apê; Sem Noção); Banda Calypso (Cheiro do Pará); MC Pelé (Piriguete); MC Créu (Dança do Créu); Tati Quebra Barraco (Injeção).
- As brincadeiras e brinquedos citados pelas crianças são diferenciados para meninos e meninas. Exemplos de brinquedos citados para meninas: boneca, produtos de beleza e utensílios domésticos; para meninos: carrinho, bola, armas.
- Filmes de animação foram citados e as personagens são demarcadamente direcionadas para meninos e meninas (filme da *Barbie* para meninas); filmes “Carros” para meninos; filme para ambos os gêneros: Homem Aranha).
- Há pouca possibilidade de mudança no repertório das crianças tanto em relação às músicas quanto aos personagens de histórias infantis proposto pelas instituições educativas. Os livros existentes reportam-se aos contos de fada tradicionais, em que predominam meninas meigas, brancas, apaixonadas e à espera de um príncipe encantado. Há livros de cunho religioso com personagens bíblicos que expressam personagens masculinos, de porte atlético. Em algumas instituições, os filmes de animação são utilizados como entretenimento, como se roteiros e personagens não tivessem cunho educativo exposto. Em uma das instituições, passavam-se “Clipes animados” com músicas *funk* como trilha sonora de imagens de vários filmes de animação.

- Produtos e marcas mais “consumidas” pelas crianças: meninas (produtos da *Barbie*, *Hello Kitty*, Meninas Superpoderosas, *Polly*, *Minnie*); meninos (Homem aranha; *Batman*, *Hot Weels*).
- Os sites mais visitados pelos meninos: jogos *Counter Strike*, *GTA*, *NFSU2*); meninas, site da *Barbie* e jogos para meninas.

Os dados levantados pela pesquisa junto ao público infantil revelam aspectos importantes para pensarmos como está sendo construída e constituída a infância que frequenta as instituições educativas. Nota-se que as crianças não são meramente passivas diante das várias produções e artefatos culturais produzidos socialmente. Elas consomem, tal como Sabat (2001) alerta, não somente os produtos, mas as imagens e as representações. Os sites, as músicas, os jogos, os brinquedos, os programas televisivos, os filmes de animação estão inseridos em um conjunto de instâncias culturais que veiculam e produzem representações de gênero e de sexualidade e agem como constituidores de identidades na infância.

A experiência realizada na formação inicial de educadoras/es mostrou-se fértil para se pensar que infância é essa que está sendo construída na atualidade. Como lidamos com ela? Como ela produz discursos e práticas sobre o mundo? Como produz ou reproduz representações de gênero e de sexualidade? Como lida com mecanismos de normalização de condutas ditados pela prática de docentes e oferecidos por produtos culturais destinados a crianças?

Dornelles (2005) se pergunta se chegamos ao fim da infância ou se vivemos um “borramento, um apagamento da infância moderna, da infância que a cada momento nos escapa?” Os dados coletados nas pesquisas realizadas pelos/as acadêmicos/as revelam que não há como pensarmos somente em uma única infância, tal como a que fora construída nos últimos séculos, mas uma multiplicidade de infâncias e, especialmente, de discursos sobre ela.

Estas infâncias que estão sendo construídas causam medo e até desconforto, especialmente no que tange às manifestações de sexualidade na mais tenra idade. Porém “é nesta trama discursiva e paradoxal que vivem e convivem as diferentes infâncias fabricadas pela sociedade globalizada com as quais temos ‘medo’ de lidar, talvez por ainda não se terem produzido saberes e poderes suficientes para controlá-las e governá-las” (p. 101).

As práticas de pesquisa e a experiência realizada em disciplinas dos cursos de Pedagogia, aqui relatadas, propiciam momentos de reflexão e análise da infância real com a qual interagimos. Acreditamos que essas temáticas devem fazer parte de cursos de formação inicial e continuada visando aproximação com as crianças, possibilitando elos possíveis e entendimentos de como as crianças estão se constituindo na atualidade. Esses conhecimentos, porém não devem ser realizados com o intuito de saber sobre a infância para a elaboração de mecanismos de controle, mas para aprender conjuntamente e pensarmos como podemos desconstruir práticas e discursos a partir de artefatos culturais existentes que, na maioria das vezes, ensinam, mediante as pedagogias culturais, modos de ser homem e de ser mulher e formas de viver a sexualidade.

## 6 REFERÊNCIAS

### 6.1 Relatórios de pesquisas consultados

**Pesquisas realizadas em 2006 [Relatório de pesquisa disciplinas “Infância, Sociedade e Cultura I e Prática de Ensino” Campo Grande: UFMS, 2006]:**

- COSTA, Sandra Pereira; CARDOSO, Valdivino Gomes. *Observação em instituição particular de Educação Infantil.*
- DIAS, Genilza Ferreira; SILVA, Mônica Targino da. *Produção de desenho e colagem com crianças.*
- LOURENÇO, Francielli de Souza; CÂNDIA, Priscila Casal. *Concepções de família: coleta da cultura da infância.*
- NOGUEIRA, Graciela Mendes; FARIAS, Rhaisa Naiade Pael. *Análise de artefatos culturais presentes na loja Ri Happy.*
- SILVA, Cláudia Elisa da. *Na sala existe diferenças de gênero?* Observação e entrevista com professora.
- SORAYA, Magaly; FERREIRA, Ana Keila. *Cultura da Infância: Falas e relatos no cotidiano de um CEINF.*
- SOUZA, Elizângela Ferreira de; NOGUEIRA, Maiara Oliveira. *Observações no instituto de educação.*
- SOUZA, Rejane de Aquino. *Postura docente frente à infância e as implicações dessa postura em relação às constituições de identidades de gênero e de sexualidade dos infantes.*
- ZUCARELLI, Geovana; ESCOBAR, Patrícia. *Proposta de intervenção: utilização de panfletos de brinquedos.*

**Pesquisas realizadas em 2007 [Relatório de pesquisa disciplinas “Infância, Sociedade e Cultura I e Prática de Ensino” Campo Grande: UFMS, 2007]:**

- ALMEIDA, Aline; VIEIRA, Fabiana; BASSO, Viviane F. B. *Gênero/Identidade em instituição educativa.*
- CÓRBODA, Cristiane Paes. *O Processo de socialização da criança: do contexto familiar para o ambiente da creche.*
- FERREIRA, Andreza Sales; SILVEIRA, Juliana. *Musicalização com as crianças do berçário de um CEINF.*
- GOMES, Suellen Francelino. *Cultura da infância: brinquedos e brincadeiras das crianças indígenas.*
- KAMIYA, Kedma de Souza; SILVA, Luciene Sebastiana. *Filmes Infantis: diferentes olhares.*
- LIMA, Solange Fernandes; ARAÚJO, Silva de. *A interação entre a criança e o computador: um estudo da construção da identidade de gênero advinda da internet representada pela infância.*
- LOPES, Marlyse Shiroma; VEGINI, Pablo Nantes. *As histórias infantis como forma de consciência de mundo.*

- MANVAILER, Caroline M. de Aquino; ZAGO, Lucimara Regina. *A influência da música na identidade de crianças*.
- PEREIRA, Anailza Galeano; AQUINO, Sirlena de. *O CEINF: na visão de meninos e meninas usuários/as da instituição*.
- POMPEU, Daniele Cristine Alves; VIANA, Danielli Cristini da Silva. *Apelidos ajudam ou prejudicam?*
- REZENDE, Eunice Silva. *O processo de socialização da criança: do contexto familiar para o ambiente da creche*.
- RIBEIRO, Kellen Caroline Camargo. *Identidade, gênero e cultura na infância*. Campo Grande: UFMS, 2007;
- SANTOS, Adelyne Camargo dos; SILVA, Metutire Maria. *Brinquedos e brincadeiras: da instituição particular a instituição pública*. Campo Grande: UFMS, 2007;
- SANTOS, Cibele Ribeiro de França dos. CARDOSO, Leonilda Boldan. *Cultura da infância e a televisão*. Campo Grande: UFMS, 2007;
- SILVA, Maria Antonieta Luvizotto Marques da. *Eu e o outro: infâncias*.
- VALIENTE, Leudenir M. de Oliveira; BELLÉ, Mariana Sayd. *Identidade e diferença na infância*.

**Pesquisas realizadas em 2008 [Relatório de pesquisa disciplina “Didática e Tecnologias Educacionais II” Campo Grande:UFMS, 2008]:**

- GREGO, Flávia R.; MATOS, Jaqueline de B.; TIBANA Juciele M.; GUTIERREZ Lucelle B. *Artefatos culturais em análise*.
- TEIXEIRA, Luciana Gabi da Silva; EFONCIO, Lucimar; FERRAZ, Maria Aparecida; USSINGER, Sirlene. *A televisão como instrumento pedagógico*.

**Pesquisas realizadas em 2008 [Relatório de pesquisa disciplina “Infância, Sociedade e Cultura I e Prática de Ensino” Campo Grande: UFMS, 2008]:**

- CANEPA, Sabrina; MILENE, Sara. *Brincadeiras e gênero*.
- CAVALCANTE, Geverson; HENRIQUE, Ricardo; MOURA, Sandra; BERTHOLI, Suellen. *Desenho infantil e suas interpretações de gênero*.
- ELIAS, Elizandra Leon; LEANDRO, Hugo Augusto T.; COSTA, Luciana da. *Jogos para Meninos e Jogos para Meninas*.
- GONÇALVES, Bruna Fontes; ORTIZ, Fernanda Ros; MARTINI, Luciana. *A representação de gênero existente na relação da criança com as brincadeiras: uma construção social e cultural*.
- MAEKAWA, Elisângela; COPETTI, Neidi. *A construção de identidade de gênero nas crianças por meio das personagens infantis*.
- MOTTA, Fernanda Tavares da; RAHAL, Juliana Lortscher; CUNHA, Vanessa Bezerra da. *Menino brinca de bola e menina de boneca, isso é lei!*
- OLIVEIRA, Rosely Aparecida Ferreira da S. *Brinquedos, brincadeiras e gênero*. Campo Grande: UFMS, 2008.
- PALEO, Diana Kelly; LIMA, Eweline E.C.; BATISTA, Raquel Aparecida. *Cultura da Infância: análise dos tempos livres de crianças*.
- QUIEREGATI, Cristina. *A música e o desenvolvimento da criança*.
- RAMOS, Gislaine Ferreira; BRITO, Jucicleide Dantas de. *Os brinquedos oferecidos nas instituições de educação infantil: alguns aspectos culturais*.
- YAMADA, Cristiany; CARNEIRO, Joelma Renata S.; ALMEIDA, Maria S. de. *Sexualidade na infância: como nascem os bebês?*

## **6.2 Referências**

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- DORNELLES, Leni Vieira. *Infâncias que nos escapam*. Da criança na rua à criança cyber. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.



- FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação. In SILVA, Luiz Heron (org.). *Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.
- FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar (2003a). Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. *Pro-posições*, v. 14, n.3 (42), set./dez, 2003a.
- FELIPE, Jane. Erotização dos corpos infantis. In LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003b.
- FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo pedófilo? *Cadernos Pagu* (26), jan./jun., 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 12 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.
- GÉLIS, J. Individualização da criança. In ARIÈS, P; DUBY, G. *A história da vida privada*. 3ª. reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- GIROUX, Henry A.; McLAREN, Peter L. Por uma pedagogia crítica da representação. In SILVA, T.T.; MOREIRA, A. F. (orgs.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GOBBI, Márcia. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisa com crianças pequenas. In FARIA, Ana Lúcia G. de et al (orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- GONDRA, José Gonçalves (org.). *História, infância e escolarização*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.
- KULMANN Jr., Moisés; FERNANDES, Rogério. Sobre a história da infância. In FARIA FILHO, Luciano Mendes (org.). *A infância e sua educação*. Materiais, prática e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. *Currículo, gênero e sexualidade*. Lisboa: Porto editora, 2000.
- SABAT, Ruth. *Pedagogia cultural, gênero e sexualidade*. Revista Estudos Feministas, ano 9, 2º. Semestre de 2001.
- WALKERDINE, Valerie. A cultura popular e a erotização das garotinhas. *Educação e Realidade*, 24 (2), jul/dez, 1999.